

1ª Edição //
Bimestral //
Setembro e Outubro //
Por Todos Para Todos //



À Margem
q.
b.

Núcleos!
Conhece-os e julga-os!

Pretextos
Notícias e desnotícias

Música e literatura
Encontros inusitados explosivos

Retângulos...
De onde vêm tantos?

Índice

- 02. Capa e Memória
- 02. a onda e o cachalote
- 04. Madrinha de Guerra
- 06. No Sopé de Parnaso
- 07. Um passo em direção à solução do mistério central da vida na Terra
- 08. Agenda
- 10. Orgulho de quê? A importância da comunidade LGBTQIA+ e da sua visibilidade para pessoas queer
- 11. Poder de um objeto inanimado
- 12. Samael
- 13. Porquê? - uma reflexão
- 14. Birds
- 14. Reescreve-me-te
- 14. Desassociar
- 15. O crime (im)perfeito
- 16. LISBOA.província.
- 17. Por Água Abaixo

Contactos

Para submissões, questões, sugestões, reclamações, ou só para bater um papo. E-mail: amargemqb@gmail.com
Instagram: [@amargemqb](https://www.instagram.com/amargemqb)

Redação

Afonso Martins
Afonso Ribeiro
Ana Vales
Beatriz Direitinho
Cristiano Barata
Francisco Guerreiro da Silva
Glinda to Elphie
Inês Pinto
João Fonseca
Matilde Capote
Pedro Copeto
Tiago Caldinhas
Vitória Inácio
Zé Costa

Participaram os seguintes núcleos e associações:

In-Nova	Thirst Project Portugal
NEFCT	NBCM
NuAr	NJ
NuCraft	NuBioq
NuMAC	NuLit
Ecozoic	NuPRIDE
	TunaMaria

Capa e Memória

Por Pedro Copeto

Estávamos já na fase final da ditadura. A luta estudantil era intensa e a repressão sentida ainda mais. Associações de Estudantes encerradas, universidades sob ocupação policial... e todas as paredes com ouvidos.

Ainda assim, havia espaço para grandes espíritos como o do nosso colega Ribeiro Santos. Estava sempre na linha da frente dos movimentos estudantis e, mesmo quando era difícil encontrar um local para reunir e planejar a próxima jogada contra a repressão, eram as portas da própria casa que ele abria.

Naquele que seria mais um destes encontros, este num anfiteatro onde é agora o ISEG, chamou-nos à atenção a presença de um indivíduo estranho. Juntando a recusa em identificar-se com as respostas incoerentes e atrapalhadas que dava ao que ali fazia, suspeitámos que fosse um enviado da PIDE para obter informações. A Associação de Estudantes informou o Instituto de que estava um intruso no recinto e o Secretário nada mais fez do que ligar à própria PIDE para irem tratar do assunto.

Naturalmente, quando entram dois agentes pelo anfiteatro já a abarrotar, instalou-se o caos. Tudo o que se ouvia eram gritos de "Assassinos! Rua!" e um grupo de estudantes encabeçado pelo nosso colega Ribeiro Santos avança sobre eles para os expulsar do local. É então que, já à queima-roupa, um dos agentes descarrega o seu revólver sobre a multidão.

Ribeiro Santos tomba ao chão. Aconteceu por esta altura, em 1972.

Dois dias depois, o dia do seu funeral transformou-se numa impressionante manifestação de protesto contra o fascismo e de resistência às forças policiais. Num ato de desespero, a PIDE e a polícia

de choque apoderaram-se à força da urna que transportava o nosso colega e o caminho da sua casa, de onde saiu o funeral, até ao cemitério da Ajuda, transformou-se numa verdadeira batalha campal em que as forças policiais se viram impotentes.

Hoje, o nosso colega Ribeiro Santos permanece como um dos grandes símbolos da resistência do Estado Novo e do movimento estudantil. E, possivelmente, muitos já terão passado pela Calçada Ribeiro Santos, local onde nasceu e viveu, sabendo agora a história que este nome carrega.

Pedro Copeto

Thirst Project Portugal

FCT/NOVA

Somos a equipa do Thirst Project Portugal da faculdade Nova School of Science and Technology e temos como missão a angariação de fundos para a construção de furos de água potável em comunidades de países como Eswatini, Uganda, El Salvador, Índia e Kenya, com o intuito de combater a crise de água mundial. Esta crise afeta cerca de 1,1 mil milhões de pessoas em todo o mundo, que não têm acesso à água que é um bem tão precioso a todos nós.

Com o intuito de fazer chegar as nossas preciosas gotinhas de água a quem mais precisa, convidamos-te a fazer parte da nossa equipa, ajudando a contribuir para a nossa missão. O nosso projeto passa por diversos projetos que consistem na angariação de fundos para um bem maior.

As inscrições para novos membros estão abertas de 9 de setembro a 9 de outubro.

a onda e o cachalote

No meio de um mar havia uma onda. Recém-criada, estagnada no cambalear energético a que se propunha, levava água para a frente e trazia água para trás, sem que saísse do lugar. Por esta altura, compreendo os olhares e suspiros penosos de alguns de vós, um lamento ao destino sisífico desta onda. Mas ela viu liberdade dentro desta prisão e deixou passar os dias e os anos sem sequer um bufar indignado. Engana-se, contudo, quem não vê, na rotina desta onda, variedade de vivências e momentos. Já experiente como era, ela sabia precisar, com uma margem de erro de um dia e meio, as rotas migratórias dos seus amigos peixes e baleias, tartarugas, tubarões e até, por ação das correntes quentes e frias, as visitas bianuais das apáticas alforrecas.

Ora, este episódio conta precisamente a paragem de um cachalote que, já conhecendo a onda de outras passagens, aproveitou para ali descansar um pouco e pôr a conversa em dia. Tudo corria normalmente, até que o cachalote, seguindo um momento de maior silêncio, afirmou:

- Onda, já não é a primeira, nem a segunda, nem a terceira vez que por ti passo.

- É verdade - respondeu a onda, com um sorriso calmo, enquanto se fazia quebrar num cardume de cavalas que rumava a Sul.

- E sabes como nós, cachalotes, orgulhamo-nos de amar e respeitar todos os seres, vivos e não vivos, sem julgar os seus estilos de vida, independentemente de quão diferentes possam ser dos nossos.

- Como não poderia eu estar a par do vosso código de conduta, meu querido amigo? - disse a onda, pensando para si mesma que agora não era a melhor altura para relembrar o cachalote do ano em que discutiu com uma rémora que

há semanas lhe andava a “fazer comichão” e acabou a chamar-lhe de ventosa com guelras.

– Bom, bom... peço, então, que me perdoes se esta pergunta soa um pouco... mmmm... um, um pouco indelicada. A verdade é que já há algum tempo que penso nisto e... bem eu nunca encontraria uma resposta sozinho e...

A onda não perdeu o sorriso, mas a sua expressão mostrava um nervosismo que tentava subconscientemente esconder:

– Fala, meu caro, e prometo tentar ao máximo saciar a tua curiosidade.

– Pois então diz-me: nunca te cansas de ver sempre o mesmo? De trazer, todos os dias, a mesma água para a frente e para trás? De ouvir histórias de quem por aqui passa, histórias de viagens pelos quatro cantos do mundo, enquanto continuas confinada ao teu punhado de metros quadrados?

A onda tentou disfarçar um suspiro de alívio. Este era um tema com o qual até já se tinha debatido muito (as ondas, ao contrário do que se pensa, são incrivelmente introspetivas).

– Sabes, cachalote, eu gosto muito dessa pergunta, mas admito que possa haver ondas que não se sintam tão à vontade com ela. No final de contas, é esta a maior vergonha da vida de uma onda. Claro que vivi diferentes fases na minha vida, algumas onde a frustração muitas vezes falava mais alto. Mas, devagarinho, em cada amizade nova, em cada barco que deslizava nas minhas costas descobri o meu propósito: eu sou um transmissor de energia do Universo.

A onda calou-se por um momento. O cachalote parecia intrigado e esperava ansiosamente por mais esclarecimento. Disse a onda:

– Se não te importas, assumo que tenhas já pensado sobre o teu propósito também, já que pensaste no meu.

– Pensei, sim! – o cachalote tossiu forçosamente, como quem se

prepara para contar uma longa e demorada história. “No início dos tempos...” disse ele, antes de contar, em excruciante detalhe, a epopeia que levou, eventualmente, ao cachalote como nós o conhecemos. A onda lutava para não perder o foco e, mais tarde, contou-me que só não adormeceu porque o cachalote tinha uma “voz muito bonita”. Terminada a história, prosseguiu a conversa:

– O que eu compreendi daí é que o teu propósito é assegurares a continuidade da tua família.

– Com vista a assegurar a continuidade da espécie, se olhares para o grande plano, mas sim, estás certa.

– Ouvi dizer que até já tens a tua primeira filha, é verdade?

– É, sim! – disse o cachalote, com uma melodia orgulhosa na voz.

– Ouvi até dizer que namorava com um tubarão-martelo.

A expressão do cachalote mudou num ápice. A onda reparou de imediato.

– Amigo, desculpa se te ofendi com este comentário.

– Não, não, não... Não tens nada que te desculpar. Admito que essa relação me apanhou de surpresa, e ela ainda o escondeu de mim durante dois anos. Quando soube, o que me doeu mais foi pensar que a minha própria filha não tinha coragem de mo apresentar, e qualquer animosidade que sentisse para com ele desapareceu de imediato. Sabes que os cachalotes não são conhecidos pelas suas mentes abertas e tranquilas, mas sinto-me muito feliz por eles e amo a minha filha ainda mais agora que falamos mais abertamente sobre as coisas.

– E achas que a tua filha perde o seu propósito se não conseguir assegurar a continuidade da sua espécie.

– Vejo o teu ponto. Diria que o propósito final de qualquer ser é procurar o que nos deixa em paz. Existe o caso do cachalote habitual, como eu sinto que sou, mas de vez em quando existe quem encontre paz por outros caminhos, que são

também válidos. Então, como é que encontras tu a paz?

– Eu vejo a paz como algo físico. Uma força tão forte como um relâmpago ou uma rajada de vento. Sabes, da mesma maneira que amas a tua filha, que é fruto teu, também eu vejo como filhos todos os que usam a minha energia para viver. Sem mim não haveria cardumes ou frotas, todos eles são meus filhos e assim asseguro a continuidade da minha espécie, a espécie que ama e vive do mar. Assim estou em paz e assim pego no fogo que o Cosmos me deu e espalho-o por entre os diferentes cantos do mundo, portanto como posso eu sentir que estou confinado, quando me vejo em todo o lado ao mesmo tempo.

O cachalote acenou, com um sorriso, feliz por ouvir essas palavras.

– Minha querida amiga, vou agora para poder apanhar a corrente, mas obrigado por partilhares isto comigo. Até uma próxima.

O cachalote acenava com a barbatana enquanto a onda puxava toda a água que podia para trás. Num só movimento, ergueu-se numa parede gigante e quebrou rentinho ao cachalote, empurrando-o a toda a velocidade para onde o sol se punha.

Anos mais tarde passei eu, numa casca de noz, por esta mesma onda. Fiquei com ela por dois pores do sol e, no fim do primeiro, ela contou-me esta história. No fim, perguntou-me:

– E vocês, como sentem paz?

Eu ri-me. Quantos de nós já se mataram a trabalhar por paz? Quantos já perderam horas num cubículo, ou numa sala fechada longe da família e de quem os ama? Guerras já foram travadas por paz, sacrifícios, dor, pena, aflição... Parece que procuramos a paz apenas onde sabemos que ela nunca vai estar. A onda esperava, confusa, por uma resposta, mas não fui capaz de lhe responder. Vimos esse pôr do sol em silêncio e adormeci ao ritmo do seu balançar. E senti paz. – João Fonseca



A Ecozoic - Associação de Jovens para o Ambiente e Direitos Humanos é constituída por jovens universitários. A associação permite aos jovens concretizarem as suas ideias e aplicarem os seus conhecimentos na sociedade de forma ativa. Para isto surgem diversas atividades que promovem a resolução de problemas ambientais e humanitários.

Encontram-se atualmente três equipas ativas. A equipa mais recente, de Direitos Humanos, foi criada de forma a criar uma ligação direta entre a Associação e a sociedade. Esta equipa é responsável pela realização de várias saídas noturnas cujo objetivo é distribuir bens essenciais para pessoas em situação de sem-abrigo. A equipa está a efetuar uma recolha de bens para uma saída noturna futura. Os bens podem ser de higiene, bem como roupa quente e interior. O ponto de recolha está à porta do gabinete 430 no Edifício Departamental, na Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Nova de Lisboa. A equipa de EcoTertúlias agiliza sessões com oradores experientes, onde surgem diálogos descontraídos sobre o tema de interesse. As EcoTertúlias acabam sempre em sessões de *Networking*, sendo assim essenciais para todos os participantes. A equipa de Sensibilização é responsável pela organização de eventos com base no voluntariado como limpezas de praias e plantações de árvores. No entanto, a equipa já coordenou atividades de educação ambiental em empresas e eventos como a Enkrott e o Sol da Caparica, respetivamente, e em escolas primárias.

O Congresso 4US é realizado anualmente pela Ecozoic. Este evento inclui palestras, *workshops*, debates e outras atividades. O tema

do congresso varia de ano para ano porém o foco será sempre na sustentabilidade, a engenharia do ambiente e os direitos humanos. A edição de 2025 será o “12º Congresso 4US: The Turning Point”, e realizar-se-á nos dias 29 e 30 de setembro e 1 de outubro, no Grande Auditório da FCT Nova.

Recentemente a Ecozoic ganhou o concurso “LIFE ASAP” da WWF Portugal, juntamente com a Lifeshaker, CLAW e a Câmara Municipal de Almada. O projeto “Cardal: Eco-Living Lab” tem como objetivo sensibilizar e mobilizar jovens para a ação climática local. Para isto, estão a ser realizados vários *workshops* de promoção da biodiversidade. Estas atividades são proporcionadas para os jovens e as suas inscrições estão abertas a qualquer pessoa!

Partilhas o interesse pela ação climática e justiça social? Junta-te à Ecozoic! Podes candidatar-te a qualquer altura do ano através do nosso *website*. Ficamos à tua espera!

Se tiveres curiosidade em aprender mais sobre as nossas atividades e projetos, segue-nos nas redes sociais (*Instagram* e *TikTok*), ou então visita o nosso *website*!

@ecozoic_ www.ecozoic.pt



Durante a Guerra colonial, um certo casal conheceu-se trocando correspondência. Nessa altura, existia uma prática muito salazarenta conhecida como “madrinhas de guerra”. A ideia era as madrinhas fortalecerem a moral dos soldados em serviço e ajudarem as suas famílias. E, por preços relativamente baixos ou até mesmo de graça, os soldados afilhados podiam enviar cartas às suas

madrinhas, e vice-versa.

O homem deste casal foi soldado e cumpriu o seu serviço em Angola. Foi enviado para lá ilegalmente, como muitos outros, com apenas 17 anos, impelido pela sua família, à procura de uma vida melhor. Em Portugal continental, desde tenra idade, passara a sua vida a comer batata com couve ao almoço e couve com batata ao jantar. Carne só se via naquela casa quando alguém estava muito doente ou quando a galinha estava muito doente; e doces (se é que podemos chamar à regueifa de doce), só no dia de Páscoa, quando nosso Senhor ressuscitava. De entre duas dúzias de filhos, fez parte da minoria que sobreviveu à miséria e à fome, sem, contudo, não escapar à ocasional visita às portas da morte.

A mulher, embora não muito mais sortuda, aos invés de vegetais e tubérculos, já comia peixe. Ambos eram pobres, mas de dois lados opostos do país. Os pais deixaram-na ao abandono. A sua existência era, para eles, apenas relevante quando se tratava de receber algum subsídio do estado (por mais pequeno que fosse). Ficou a viver sob a alçada da prima, uns anos mais velha que ela. Esta alimentou-a e educou-a. Tinha o desejo de ser enfermeira, mas, como nunca tivera a oportunidade, decidiu ser madrinha de guerra. Pelo menos é a história que contam... Ninguém é santo e, como muitas outras, típico da idade, provavelmente queria era namorar. Pelo menos, com soldados do outro lado do mundo não podia engravidar, pensavam os familiares dela.

Terminado o serviço militar obrigatório, casaram-se por procuração. Assim que pôde, a mulher partiu do continente em direção ao seu recém-noivado marido.

Passaram-se uns meses. Entretanto, ficara grávida. Como naquela altura não havia televisão, passava os seus dias entediada em casa à espera que o marido obreiro

regressasse dos seus afazeres. Ao contrário do que lhe era ordenado pelo médico, ela continuava a fazer a lide da casa ao invés de se abster de tarefas exigentes. Era a sua maneira de afastar o tédio enquanto estava sozinha.

Com o tempo, ela começou a fazer exigências crípticas ao marido. O próprio, inicialmente, nem questionava. «Será da gravidez?», pensava ele. A esposa começara-lhe a pedir caixas de fósforos especificamente vazias. Ele, de bom grado, as provia.

Sozinha, sem grande coisa para fazer ou qualquer divertimento que seja, ela vagueava pela casa com as suas caixas de fósforos vazias. Nos seus passeios, vira algo voar. Entretanto, pousou. A sua mão adquiria uma forma côncava, como quem se prepara para começar a bater palmas. Aproximou-se o mais que podia sem que antes levantasse voo. Assim que partiu, lançou-lhe a mão. Mal sentira algo, cerrava o punho de imediato, deixando um pequeno espaço entre os dedos e a palma para não esmagar o inseto, pois não tinha quaisquer intenções de o matar. Apanhara uma mosca! Com a outra mão, munida com uma das muitas caixas de fósforos, rapidamente abria e fechava a caixa enquanto colocava o inseto lá dentro.

Para o marido, que inicialmente achava que isto tudo não passava só de um estranho desejo de gravidez, os pedidos por caixas de fósforos começavam a passar do peculiar para o preocupante.

Já anoitecia e o marido regressava do trabalho a casa. À entrada, deparou-se com a sua esposa e, depois dos habituais cumprimentos e da pequena conversa, reparou que escondia nos bolsos as caixas de fósforos. Querendo confrontá-la sobre o assunto, diz:

- Oh mulher, para que queres tantas caixas de fósforos? - perguntando-lhe num tom desconfiado. - Eu dei-tas sem pensar muito no assunto mas...

Ao que ela, interrompendo-o,

responde:

- Eu já te mostro! Deixa-me só...- e desatou a andar pela casa em direção à rua. Com isto, ele ficara ainda menos esclarecido. Só lhe restava segui-la enquanto ela olhava para cima e para baixo e para todos os lados. Espontaneamente, vira-se para o marido dizendo:

- Não te mexas!

Ele, sem grande resposta, ficou parado como uma estátua. Sem perceber exatamente o que a mulher pretende fazer, ele observava-a a aproximar-se lentamente de algo. Ela lança o seu braço com grande rapidez e acaba por apanhar uma mosca. Ao ver isto, fica perplexo, como se o que a acabou de ver não fosse real. Passado o espanto, enquanto ela guardava o insecto numa das caixas, diz num tom irónico:

- Cum carago... Eu mato-me a trabalhar ao sol para que a minha esposa, uma grávida de 7 meses, passe o tempo em casa a apanhar moscas!

Ela, após o ter ouvido, largou um leve riso. Fez um gesto para o marido, enquanto se dirigia para o quintal, indicando para que a continuasse a seguir.

No quintal, começou por pousar as caixas de fósforos no chão. Assim que estavam todas postas no sítio, virou-se para o marido e, com um sorriso na cara, diz:

- É para isto que as caixas servem!

E, no mesmo instante, ela começara a abrir todas as caixas. O céu e o quintal ficaram cobertos por um enxame de moscas e outros insetos; e ela ria-se de pura felicidade!

Afonso Ribeiro

Espaço Mistério

NuAr

Núcleo de Aeroespacial

No passado dia 2 de setembro, o NuAr marcou presença na Odisseia Olímpica, dinamizada pela AEFCT, com uma atividade que literalmente lançou ideias pelos ares: foguetes de ar comprimido.

O desafio era simples e divertido: cada resposta certa a uma pergunta valia uma “bombada” na bomba que enchia o foguete de pressão. E claro, quanto mais pressão, mais alto ele ia! Tivemos lançamentos que chegaram a cerca de 25 metros de altura e 30 metros de distância. Uma manhã de risos, competição saudável e a certeza de que a ciência também pode ser um grande jogo.

Recrutamento Aberto

Ainda durante setembro abriremos as portas para novos membros e queremos mostrar que aeroespacial é para todos. Não importa se preferes a vertente técnica ou se te identificas mais na parte criativa e organizacional. Há lugar para ti no NuAr!

Para quem tem interesse técnico, os projetos do NuAr nascem da iniciativa dos próprios membros. A Direção dá apoio financeiro e facilita toda a comunicação com entidades internas e externas à NOVA FCT, ajudando a transformar ideias em realidade: **ASTRO** (a construir um foguete para competir no European Rocketry Challenge), **STAR** (dedicado à astronomia e astrofotografia - recuperação de um telescópio e montagem), **Escola de Verão** (a planear uma semana de atividades para alunos pré-universitários).

Tudo isto com apoio da Direção do NuAr, que garante financiamento inicial.

Para quem não se identifica tanto com a vertente técnica do aeroespacial, mas tem vontade de ganhar experiência noutras áreas, pode colaborar a organizar eventos, gerir recursos, contactar empresas e dar asas à tua criatividade através das áreas administrativas do Núcleo.

@nuarfct - Fica atento!

No Sopé de Parnaso

Onde andam os libertinos?

- Escândalo, pólvora, desejo e a arte libertina de Casanova e Pacheco -

Por **Francisco Guerreiro da Silva**

«Mas cultura também é olhar e ouvir os outros, e julgá-los, não pelo que dizem ou escrevem, mas pelo que fazem, que de sacripantas e sandeus anda o mundo cheio»

Textos de Guerrilha, Luiz Pacheco

Há livros que nos obrigam a tirar os olhos do papel e rir — ou corar, ou ficar incrédulos — perante a simples constatação de que a vida pode ser assim tão desavergonhada. As memórias de Giacomo Casanova, *Histoire de ma vie*, são disso exemplo perfeito: milhares de páginas onde o século XVIII europeu se oferece em corpo inteiro — salões dourados, viagens intermináveis, mesas de jogo, alcovas quentes, e sempre o desejo feroz de não viver como súbdito, mas como dono de si.

O erro está em pensar que Casanova era apenas um sedutor em série, uma caricatura masculina antes do *Tinder*. Não! O que está em causa é outra coisa: um modo de vida. Quando ele escreve, a propósito de Henriette, «foi a única mulher que realmente amei; todas as outras foram apenas objetos de prazer», não confessa apenas uma paixão singular, mas enuncia a regra do libertino — viver cada encontro como experiência absoluta, não porque seja eterno, mas precisamente porque não o é. Vinícius de Moraes, dois séculos depois, pôs esse sentimento em verso com a clareza dos poetas: “Que não seja imortal, posto que é chama / Mas que seja infinito enquanto dure.” Casanova foi a

encarnação viva desse verso antes de ele ser escrito. Amou no instante, fez do efêmero a sua eternidade, transformou o breve em infinito.

E quando descreve o prazer a três com as irmãs venezianas, fá-lo com uma delicadeza quase litúrgica: «Se os prazeres do amor são doces, a doçura é maior ainda quando duas almas se encontram na inocência do desejo.» Eis a alquimia libertina: a carne não se reduz a vulgaridade, eleva-se à condição de literatura. Casanova não escreveu um catálogo de alcovas, escreveu uma filosofia do prazer.

Mas convém não esquecer: o libertino não era apenas amado, era odiado. Casanova tinha tantos inimigos como amantes. Foi preso, expulso, escorraçado — obrigado à fuga lendária dos *Piombi* de Veneza. O libertino, por definição, incomoda. Seduz, sim, mas também irrita; conquista, mas deixa cicatrizes. É um ser feito de ambiguidades, e é nessas ambiguidades que reside a sua grandeza.

E é com essa grandeza que Lisboa nos oferece, dois séculos depois, um herdeiro improvável: Luiz Pacheco. Não teve palácios venezianos, teve quartos alugados; não teve salões, teve mesas de cafés duvidosos; não teve coleções de amantes aristocratas, mas teve mulheres, e muitas, e homens, e livros, e garrafas. O seu território foi outro, mas a centelha a mesma: a recusa total de pedir licença para viver.

Pacheco foi editor, panfletário, incendiário. Descobriu Herberto Helder, publicou Mário Cesariny, deu voz a Natália Correia, foi o primeiro editor de José Cardoso Pires ainda no liceu Camões. Mas, sobretudo, foi o crítico que não tinha medo de chamar imbecil a quem o merecia. Escritor até aos ossos, que fazia de cada sílaba várias granadas. Lia-se Pacheco com prazer e com desconforto: porque dizia o que ninguém ousava dizer, porque desmontava o que

estava armado em “grande literatura” e revelava, por baixo da pompa, a mais pura mediocridade.

Aqui chegados, importa dizer: se Pacheco corre o risco de morrer às mãos de colecionadores gananciosos, Casanova morre pela ignorância. O primeiro está aprisionado em alfarrabistas que pedem preços pornográficos por panfletos que nasceram baratos. O segundo foi reduzido ao mito do “mulherengo”, como se a sua obra monumental fosse apenas um almanaque erótico. São duas mortes igualmente cruéis e, quiçá, piores do que a morte física: a morte pela mercantilização e a morte pela simplificação. Ambas têm o mesmo efeito: arrancam à humanidade o putativo reencontro com a faísca libertina.

E é aqui que a contundência se impõe: temos hoje uma cultura que adora parecer livre, mas que, no fundo, não passa de uma fábrica de consensos mornos. Não se trata já de censura policial, mas de algo pior: o policiamento interno. Não se pode ofender, não se pode transgredir, não se pode sair do tom. A cultura tornou-se moralista, inofensiva, domesticada. Quer-se arte fofinha, literatura bem-posta, crítica dócil. É o triunfo do “bonitinho” sobre o verdadeiro. Pacheco, que vivia escrevendo insultos certos e lançando panfletos como quem atira pedras à montra, seria hoje escândalo diário. Precisamente por isso é que faz falta!, muita falta!

Casanova também incomodava. Não esqueçamos: seduzia, mas constrangia poderosos, criava inimigos por onde passava. O seu charme era perturbador, a sua liberdade insuportável para a moral vigente. Pacheco fazia o mesmo em Portugal: seduzia, sim, mulheres e homens, leitores e discípulos, mas também era nimbado por ódios, invejas e rancores. Ambos, cada um à sua maneira, fizeram da vida um ato de insubmissão.

Por isso, é redutor dizer que Casanova seduzia e Pacheco irritava. Casanova irritava e muito;

Pacheco seduzia e muito. Foram amantes turbulentos, conquistadores hostis. Fizeram da literatura uma forma de desestabilizar. E ambos correm, agora, o risco de escapar-nos: Casanova, por ter sido transformado em caricatura ignorante para gáudio de moralistas senis; Pacheco, por ter sido transformado em objeto de colecionismo de pseudointelectuais siderados.

É nossa tarefa resgatá-los. Reeditar Pacheco, reler Casanova. Tirar o primeiro das mãos gananciosas de alguns; tirar o segundo das mãos preguiçosas da ignorância. Ambos merecem estar no centro da mesa, não como peças de museu, mas como pólvora quente prestes a rebentar.

A lição é simples: os libertinos não servem para ser canonizados, servem para incomodar. E é isso que os torna indispensáveis. Casanova fez do efêmero eternidade; Pacheco fez do rodapé dinamite. Um transformou o desejo em literatura; o outro transformou a crítica em explosivo. Ambos fizeram do prazer desiderato. Se queremos uma cultura viva, precisamos deles hoje.

Celebrar o centenário de Luiz Pacheco não é pôr-lhe flores na campa: é republicar os seus textos de louco escriba, espalhar a sua voz de escritor maluco, deixá-lo irritar-nos — e encantar-nos! Celebrar Casanova é reler as suas memórias com olhos limpos, sem caricaturas, e reconhecer ali não um Don Juan bacoco, mas o escritor que soube transformar cada encontro numa experiência infinita enquanto durou.

Se hoje a literatura anda demasiado polida, demasiado assética, talvez devêssemos perguntar: onde andam os novos Pachecos? Onde andam os novos Casanovas? E, sim, incomodar é uma forma de amar. Casanova amava perturbando os corpos; Pacheco amava perturbando as letras. No fundo, a diferença é mínima. Ambos nos ensinam que

viver sem pedir desculpa é o único gesto digno de ser chamado literatura.

Escrito debaixo da alfarrobeira

Francisco Guerreiro da Silva

20 de agosto de 2025

Também achas que o Ruben Amorim não deve ser despedido?

Envia a tua crónica desportiva!

Um passo em direção à solução do mistério central da vida na Terra

Experiência a partir de materiais sintéticos auto-montáveis sugere como tudo pode ter começado

Notícia submetida por:

NBCM

Núcleo de Biologia Celular e Molecular

Nunca se perguntaram se as teorias da origem da vida estão corretas? No meio de tantas hipóteses, desde moléculas no oceano a meteoritos que trouxeram os precursores da vida, estamos cada vez mais perto de provar o que realmente aconteceu.

Recentemente, uma equipa de cientistas de *Harvard* desenvolveu sistemas químicos artificiais semelhantes ao que ocorre nas células, capazes de **simular o metabolismo, a reprodução e a evolução**.

É a primeira vez que se cria, em laboratório, uma estrutura que tem propriedades da vida a partir de substâncias químicas simples, sem semelhança com moléculas biológicas. Assim, propuseram descobrir como é que, a partir de moléculas não bioquímicas, poderia surgir um sistema de autocriação, usando como base a energia da luz.

No estudo, quatro moléculas de carbono foram misturadas em água e expostas a lâmpadas LED verdes. O processo deu origem a anfílicos, moléculas que se auto-organizam em micelas (pequenas esferas). Dentro destas, formaram-se vesículas com comportamentos

semelhantes a células primitivas. Algumas libertaram novos anfílicos, outras rebentaram, mas em ambos os casos deram origem a novas estruturas. Para além disso, foram observadas variações nos “descendentes” que mostraram um mecanismo básico de hereditariedade e seleção, comparável à evolução darwiniana.

Este resultado fornece um modelo experimental de como a vida poderá ter começado há cerca de 4 mil milhões de anos, a partir de moléculas comuns e não de complexas biomoléculas como as que hoje associamos a organismos vivos. Para Pérez-Mercader, trata-se de um passo crucial para compreender por que razão a vida existe na Terra e, possivelmente, como poderá surgir noutros planetas.

Este trabalho foi publicado na *Proceedings of the National Academy of Sciences*, a 29 de maio do presente ano, com o investigador primário Juan Pérez-Mercader. Notícia adaptada a partir da *The Harvard Gazette*.

NBCM

Núcleo de Biologia Celular e Molecular

Setembro

Segunda	Terça	Quarta	Quinta	Sexta	Sábado	Domingo
			11 Discussão do livro "O Que é a Filosofia"	12	13	14
				Semana do Caloiro		
			MotelX			
15	16 Ensaio Aberto da TunaMaria	17 Ciclo David Lynch	18 Palestra "Gigantes do Mar"	19	20	21
MotelX				Festa de Abertura - Casa Capitão		
		24 Ciclo David Lynch	25 O céu em queda	26 Holofote	27 O céu em queda	28
				Festival Cuca Monga		
					LAFF	
29	30 Naquele Dia em Lisboa	1	2 Contra o tecnocapacitismo	3	4	
Congresso 4US			"No Centenário de Luiz Pacheco"			
LAFF						

Outubro

		8 Repensando a tecnologia / Bob Vylan	9	10	11	
		Festival MIL				
			16	17 The Beths	18 Kae Tempest	19
			DocLisboa			
20	21	22	23	24	25 David Bruno	26
		Congresso Centenário Luiz Pacheco				
DocLisboa						
		29 Água - Ecossistemas Em Coexistência		31 Água - Ecossistemas Em Coexistência		

Agenda FCT

12/09 a 13/09

Semana do Caloiro

FCTódromo

Preços reduzidos para sócios, caloiros e estudantes.

16/09

Ensaio Aberto da TunaMaria

Ed. IV, sala 204 - 21h00

Os ensaios da TunaMaria realizam-se todas as terças e quintas, nesta mesma sala e horário.

29/09 a 01/10

Congresso 4US: The Turning Point

Grande Auditório, NOVA FCT

Congresso anual realizado pela Ecozoic, que promove a sustentabilidade, o ambiente e os direitos humanos, repleto de palestras e workshops.

Eventos com data pendente

Liga Magic the Gathering

Evento realizado pelo Núcleo de Jogos em setembro/ outubro. As datas correspondentes serão anunciadas nas suas redes sociais: @nj_fct (Instagram).

Happy Bites

Workshop realizado pelo NuCraft:

“Damos início ao novo ano letivo com o workshop Happy Bites, a realizar-se em setembro. Neste primeiro workshop vais trabalhar com tecido, linhas e agulhas. Uma atividade dedicada à costura, onde poderás fazer um pequeno peluche para os teus animais de estimação ou doá-lo aos animais do PATA. Não vais querer perder esta oportunidade!”

A data deste evento será divulgada nas redes sociais do núcleo: @nucraftct (Instagram).

Visita ao EuRoC 2025

“Entre 9 e 15 de outubro planeamos uma visita ao EuRoC (European Rocketry Challenge). A ida será apenas de um dia, mas cheia de oportunidades para: acompanhar lançamentos, conversar com equipas de várias universidades europeias e criar laços com outros apaixonados por foguetes. O transporte será assegurado por nós.” Fica atento ao Instagram.

Agenda externa

11/09

Discussão do livro “O que é a filosofia”

Fórum Municipal Romeu Correia, Almada
Gratuito

11/09 a 15/09

MotelX: Festival Internacional de Cinema de Terror de Lisboa

Locais e horários variados, Lisboa
4 a 6€ por bilhete, descontos de menores de 25 anos aplicáveis

17/09 e 24/09

Ciclo David Lynch

Cinema

Auditório Fernando Lopes-Graça, Almada - 21h00
3€, desconto de 50% para jovens

18/09

Palestra “Gigantes do mar” - Dois dedos de conversa: ciência na biblioteca

Fórum Municipal Romeu Correia, Almada - 15h00
Gratuito

19/09 a 21/09

Festa de Abertura - Casa Capitão

Casa Capitão, Beato, Lisboa
Gratuito

25/09, 27/09 e 30/09

Filme “O Céu em Queda”

Auditório Fernando Lopes-Graça, Almada - 21h00
3€, desconto de 50% para jovens

26/09

Filme “Holofote”

Auditório Fernando Lopes-Graça, Almada - 21h00
Gratuito

26/09 a 27/09

Festival Cuca Monga

Jardins Museu da Cidade, Campo Grande, Lisboa - 18:30
Bilhete diário 30€, passe 2 dias 50€

27/09 a 4/10

LAFF (Lisbon Arabic Film Festival)

Culturgest/Cinemateca, Lisboa
5€ por bilhete

30/09

Naquele Dia em Lisboa

Filme-concerto
Culturgest, Lisboa - 21h00
15€ - Nota: Só há dois lugares disponíveis, ambos de Mobilidade Condicionada.

2/10

Contra o Tecno-Capacitismo

Conferência, Debate
Online (Culturgest) - 19h00
Gratuito

2/10 a 3/10

Ciclo “Uma obra e uma vida ao lado”. No centenário de Luiz Pacheco

Fundação Saramago, Lisboa - 18h30

8/10

Conferência “CRIP-TEC - Repensando a Tecnologia”

Culturgest, Lisboa - 19h00
Gratuito mediante pré-inscrição

Bob Vylan

LAV - Lisboa Ao Vivo, Chelas, Lisboa - 23h30
25€

8/10 a 11/10

Festival MIL

Concertos, Debates, Conferências, Oficinas
Beato, Lisboa
Preços variados, descontos de acessibilidade financeira aplicáveis

16/10 a 26/10

DocLisboa: Festival Internacional de Cinema

Locais e horários variados, Lisboa
Bilhetes à venda em breve

17/10

The Beths

LAV - Lisboa Ao Vivo, Chelas, Lisboa - 22h15
22€

18/10

Kae Tempest

LAV - Lisboa Ao Vivo, Chelas, Lisboa - 21h00
26€

22/10 a 24/10

Congresso Centenário Luiz Pacheco

Palestras, Teatro
Palmela/Setúbal

25/10

David Bruno

Casa Capitão, Beato, Lisboa - 21h30
17,50€

29/10 e 31/10

Água - Ecossistemas em Coexistência

Cinema, Conferências, Debates
Culturgest, Lisboa
Gratuito

Orgulho de quê? A importância da comunidade LGBTQIA+ e da sua visibilidade para pessoas *queer*

Texto submetido pelo NuPRIDE

A comunidade LGBTQIA+ é composta por pessoas de várias identidades de género e sexualidades que fogem às normas da sociedade e que quebram os papéis que nos são impostos ou até forçados desde a nascença. É usado também o termo *queer* para se referir a alguém que faz parte desta. Cada vez mais são criados espaços e eventos dedicados a esta comunidade, e é por vezes questionado o porquê destes serem necessários. Por que motivo ainda precisamos de eventos como a Marcha do Orgulho quando o casamento entre pessoas do mesmo sexo já foi legalizado em Portugal há anos? E qual é a necessidade e função de núcleos dedicados a pessoas *queer* como o NuPRIDE?

Apesar de todo o progresso feito pelos direitos LGBTQIA+, o preconceito e estigma ainda existem, sendo a comunidade alvo de vários crimes de ódio, e em muitos outros países não só ainda não foram conquistados como são alvo de revogação. Mesmo quando não a vemos, a discriminação com base na sexualidade e identidade de género acontece diariamente, criando um clima desconfortável, pouco amigável ou mesmo hostil ou perigoso. Ser *queer* implica encarar com regularidade ambientes onde surgem dificuldades em poder ser quem se realmente é, seja devido à não aceitação dentro do seu núcleo familiar, pessoas LGBTfóbicas dentro dos próprios grupos de amigos, comentários ignorantes e/ou não solicitados vindos de estranhos, notícias de crimes de ódio ou até o simples desconhecimento do ambiente em

que se irão inserir. Assim, espaços e comunidades dedicados a pessoas LGBTQIA+ são locais onde estas pessoas se podem sentir mais seguras e confiantes sendo elas próprias e conhecer pessoas que empatizam com elas. Em casos extremos, são espaços necessários para certas pessoas fugirem a ambientes opressores e abusivos, que podem envolver violência física ou verbal, ou até mesmo levar a atos homicidas ou suicidas. Mas estas comunidades atuam além do seu núcleo ou associação, criando igualmente espaços mais seguros à sua volta.

A existência de uma comunidade, assim como as ações e eventos que esta realiza para si e para quem se encontra fora dela, geram maior visibilidade e compreensão relativamente a quem nela se inclui. Ajudam, assim, a estimular informação e conhecimento sobre pessoas e identidades LGBTQIA+, quebrando os tabus que existem sobre as mesmas, e faz com que qualquer pessoa não só consiga entender melhor quem se encontra a seu redor, mas também a si mesma, contribuindo para uma maior aceitação da comunidade. Esta visibilidade ajuda pessoas *queer* no seu processo de descobrimento, aprendendo termos para descreverem o que sentem, conhecendo pessoas que se sentem de forma semelhante e ajudá-las a perceber que aquilo que são não é estranho ou errado, mas sim formas de amor e expressão que estiveram presentes desde sempre ao longo da nossa história. Explorar e dar a conhecer esta realidade pode de igual forma ajudar uma pessoa que não seja *queer* a se conhecer melhor ou ficar mais segura com a sua identidade, pois o contacto com aquilo que é diferente de nós e do ambiente em que habitualmente estamos inseridos pode criar afirmação sobre a nossa própria identidade.

Em suma, esta comunidade cria espaços seguros onde pessoas podem ser elas mesmas e explorar

as suas identidade, e revelam o quão complexo o ser humano realmente é, construindo ambientes de maior aceitação e segurança para si, mas também para as comunidades em seu redor. A comunidade LGBTQIA+ tem uma grande importância na criação de espaços mais justos, menos ignorantes e de igualdade para todas, todos e todes, sejam pessoas *queer*, não *queer* ou que ainda se estejam a descobrir, porque qualquer um deve ter o orgulho de ser como é.

NuPRIDE

NuLit Núcleo de Literatura

Às vezes dás por ti a pensar “quem me dera haver um *book club* aqui na faculdade onde podia falar sobre os meus livros favoritos com alguém”? Bem, nesse caso, temos o núcleo ideal para ti! O **Núcleo de Literatura da FCT NOVA – NuLit** - organiza reuniões de discussão de livros de todos os géneros, desde ficção científica, romances e até banda desenhada. Nada de apresentações orais aborrecidas, apenas conversas informais entre amigos que gostam de ler. E mais! Organizamos também outro tipo de eventos, desde sessões de cinema, idas ao teatro e encontros de poesia. E este ano letivo, temos uma novidade! Vamos ter a nossa própria coleção de livros, que se encontra disponível na Biblioteca da faculdade a partir de setembro e é **EXCLUSIVA** aos membros do núcleo. Por isso, se gostas de ler, segue-nos no *Instagram* (@nulitfct) e entra na nossa comunidade do *WhatsApp* (encontras o *link* na nossa bio do *Instagram*), onde poderás descobrir quando serão os nossos próximos encontros. Podes também enviar-nos as tuas sugestões de livros. Boas leituras!

NuCraft
Núcleo de Arte
Manuais



NuCraft: vem criar connosco!

Se procuras um espaço onde a **criatividade** domina, onde possas expandir os teus horizontes em diferentes **técnicas manuais**, aprender novas habilidades e trabalhar em diferentes projetos (pessoais ou não), o NuCraft é o sítio certo para ti!

Somos o Núcleo de Artes Manuais da FCT, fundado em 2023, que tem como objetivo nutrir a criatividade e imaginação da comunidade FCTense através de diversos *workshops*.

Nas nossas atividades poderás finalmente experimentar o tal *hobby* que andas a olhar há meses: croché, costura, pintura e muitos mais. Também são um lugar para conviver e aliviar o stresse da vida caótica da faculdade. Prometemos diversão e um bichinho que te vai querer fazer mais! A tua participação é-nos imprescindível, mesmo que digas não ter jeito para artes manuais. É com as atividades do NuCraft que vais aprender novas coisas!

Como membro, para além de influenciáres diretamente o que iremos fazer e quando, terás também a oportunidade de participar em atividades exclusivas a membros. **Inscreve-te já!** Link disponível nas nossas redes sociais ou contacta-nos por email.

@nucraftfct nucraft@ae.fct.unl.pt

Poder de um objeto inanimado

Por Matilde Capote

Férias, poderia ser um terreno fértil para desenvolver novas ideias, em concordância com a abundância de tempo livre, mas não. No meu caso, o cérebro entra num estado deplorável, numa rota com destino à putrefação, alimentado por uma inércia física e as injustiças no mundo.

Em consequência, deixo-me levar por inutilidades. Na casa de férias de família, tendo o hábito de visitar o que foi sendo acumulado, deparei-me com um disco 45 rotações que, na capa, tem uma figura em traços cubistas, com um padrão a evocar arlequins, da banda Classix Nouveaux, com o single Guilty... Então Guilty? You've found me... o refrão bem entranhado foi desenterrado.

A música cumpre o estilo synth-pop, futurista dos anos 80, orelhuda, original, batidas industriais, com um refrão em plena ascensão e, apesar de ter uma letra simples, consegue preservar

alguma espécie de misteriosa frustração. E ainda (como não?) tem-se direito a um falsete. Sobre a banda, nasceram das cinzas dos X-Ray Spex, primeiro álbum em 1981, com um estilo a exaltar o excêntrico, colocados na família dos New Romantics.

Resolvi deslocar este 45, deixando-o visível numa mesa ... e o mal estava feito, concedido este protagonismo, o *single* ficou alojado em mim infinitamente, aquele refrão e aquele falsete (suspiros) atarraxados nos neurónios.

O que resta? Abraçar e assumi-lo como o inquilino mais persistente, ou despejar, combater, através de sucessivas lixiviações, atacar nas várias frentes, disparando outras músicas, remover o disco daquela mesa... E tudo se revelou ineficaz na sua erradicação. Uma espiral que só reafirmou o poder deste disco pelo simples facto de existir, invadiu e impediu qualquer permanência de outra sonoridade. Assim, só espero que, terminado o verão, numa conversa em que surja o nome da banda, a minha resposta seja: Classix quê?

O NEFCT - Núcleo de Engenharia Física - irá publicar em breve o segundo episódio do seu podcast **FisicaMente (falando)**. Ficará disponível no Spotify.

Este núcleo também publica bimensalmente notícias na sua página de Instagram!

NuBioq

Núcleo de Bioquímica

► O NuBioq NOVA FCT é o núcleo pedagógico da Associação de Estudantes da Faculdade de Ciências e Tecnologia que se dedica à dinamização da comunidade estudantil do curso de Licenciatura em Bioquímica e dos seus Mestrados de continuidade: Bioquímica, Bioquímica para a Saúde e Biotecnologia. Para responder de forma eficaz às diversas necessidades dos alunos, o Núcleo

organiza as suas atividades em 3 áreas principais: Imagem e Divulgação; Educativa e Formativa; Eventos e Solidariedade.

Cada uma destas áreas desempenha um papel crucial na promoção de um ambiente académico inclusivo e vibrante, incentivando o espírito de equipa, a entajuda e o desenvolvimento pessoal dos estudantes. As iniciativas do NuBioq são projetadas

para fortalecer os laços entre os alunos, proporcionando oportunidades para o crescimento académico e pessoal, além de promover momentos de lazer e descontração. O compromisso do NuBioq é criar um espaço onde o companheirismo e a diversão andem de mãos dadas com o desenvolvimento intelectual, garantindo que a experiência dos estudantes de Bioquímica a FCT seja enriquecedora e memorável, tanto dentro como fora das salas de aula.

As inscrições para novos membros estão abertas entre os dias 15 e 18 de setembro.



Júnior Empresa de Consultoria
Tecnológica da NOVA/FCT

A In-Nova está a recrutar jovens talentos!

Aprende, desenvolve competências e cria impacto enquanto estudas, com oportunidades únicas de crescimento e projetos inovadores!

Queres viver uma experiência única, cheia de oportunidades para crescer a nível pessoal e profissional? A In-Nova, a Júnior Empresa da nossa faculdade, está a recrutar novos talentos e este é o segundo ano consecutivo em que conta com a **Accenture** como parceira no processo de recrutamento, tornando-o ainda mais semelhante com o que se vive no mundo profissional.

Na In-Nova, a união faz a força. Organizados em cinco departamentos: Comercial, Marketing, Projetos, Qualidade e Recursos Humanos; desenvolvemos projetos de software e robótica para clientes reais.

Integrar uma júnior empresa é muito mais do que uma experiência extracurricular: é uma oportunidade de ter contacto direto com o tecido empresarial, transformar conhecimento em impacto real e construir uma rede de contactos com empresas, profissionais de topo e amigos para a vida.

Procuramos alunos da NOVA FCT motivados, criativos e prontos para fazer a diferença. Junta-te à In-Nova e transforma o teu percurso académico numa experiência única de aprendizagem e inovação!

Candidaturas abertas aqui até 23 de setembro!



Por **Tiago Caldinhas**

A primeira vez que te vi foi de longe e era demasiado novo. Nunca me tinham falado de ti antes, mas assim que apareceste, alguém sentiu a necessidade de te apresentar. Levavas algo que pensei me pertencer. Não causaste uma grande impressão.

A segunda vez que te vi questionei-me como é que o Sol, astro que reflete a luz que emerge da perfeição de tua existência, se mantém aceso quando a Terra se mete entre vocês os dois. Formulei: talvez, a Lua aja como um espelho e direcione a luz no seu trajeto corpo a corpo a corpo a corpo, iluminando o outro lado do planeta. Apresentei-te a minha teoria com a estúpida esperança de te estar a contar algo revolucionário.

"Pois, porque nunca se viu o Sol e a Lua a andarem juntos."

Corei, não porque não me tinha apercebido do erro fundamental que cometi, mas porque, efetivamente, nunca tinha visto o Sol e a Lua juntos e o teu tom irónico indicava-me que já os devia ter visto a cruzar olhares, trocar uns beijinhos e a terem filhos e netos umas três vezes hoje. Corei duplamente quando me apercebi que estava a corar.

"O Sol para de brilhar se a Terra me tapa, mas a Terra não me tapa se eu estiver em todo o lado."

Nos dias seguintes estiveste, e o Sol queimava dia e noite.

Na terceira vez que te vi ainda era de dia. Estava ofuscado e foste noite.

Levei-te para casa às escondidas. Prendias-me em conforto quando estavas a meu lado, éramos equilíbrio em balança estragada, eu vida e tu o resto. Tu, anjo caído, que me encontrou na trincheira dos mortais e me elevou para espreitar além das paredes de Terra, não te contentarias em ser segredo para sempre. A maneira

como te encontraram foi vergonhosa: ao mudar de roupa viram-te nua no meu quarto. Inevitavelmente tive de te apresentar à família. No início todos te faziam careta, mas é do teu encanto que a Lua reflete o brilho, depressa os mudaste de fase. Tirou-me algum peso de cima, ter de te esconder incomodava todos os cantos da casa. Ganhaste um especial apreço pelos meus avós.

Não eras a que mais queria, mas não conseguia imaginar um futuro com outro alguém. Parecíamos não fazer muito nas horas intermináveis que passávamos juntos, mas todos os momentos transbordavam do amor cor de céu sem estrelas, com cheiro a rosas brancas e toque gelado, soando a silêncio.

Numa noite, depois de uns copos, mostraste-me o sítio onde tinhas caído. Era um braço do rio Tejo que desaguava em ti. Observava a água a fluir do cimo de uma ponte. Contavas: Desceste à velocidade de uma bala. Abriste as asas, cortando o ar como uma guilhotina. Furaste repentinamente a água, como uma lança. Contavas com tal felicidade que parecias ter presenciado um milagre. Vieste dos céus e era como se só na descida, só ao chegares cá abaixo, conseguiste ver o divino;

"Já alguma vez caíste como um anjo?"

Não.

Não.

Era tão alto.

Estava frio.

Tinha medo.

"Eu agarro-te. Confia em mim."

Eu queria. Mas tinha medo. Era uma queda de 40 metros. Será que me conseguirias sequer apanhar a tempo? Eu confiava que ias tentar, mas se não conseguisses-

"Confia em mim."

Tanto medo. Confiei. Nessa noite fizemos amor sem nos tocarmos.

Quando não estava contigo, escrevia-te, e quando não te escrevia, escrevia sobre ti. E quando não escrevia pensava no

que escrever, quando não pensava estavas comigo, aonde não chegava o luar, perguntava-te o que de ti queria saber: quem eras, o que eras, como eras, quando, qual, onde e quanto, e porquê. Quero atrever-me a conhecer cada parte tua, e depois, Átila, quero morrer nos teus braços. Se o derradeiro sangue que de mim escorrer não souber esboçar cada veia em tua pele, não te conheci. Se os meus berros de agonia bradarem outro nome, não sei quem tu és.

A última vez que te vi coincidiu com a última vez que vi o meu avô. Nesse dia desapareceste e levaste algo que me pertencia. Desfez-se o eclipse, Sol e Lua acabaram em céus diferentes.

Envio este texto para várias editoras, jornais e revistas e peço-lhes, por favor, que o publiquem. Tenho esperança de que algum leitor, com base na minha descrição, me possa ajudar a te encontrar. Peço-lhes por favor que caso te tenham visto ou saibam o teu paradeiro, me avisem urgentemente por qualquer meio que conseguirem. Enquanto o Sol cegar sei que existes.

Tiago Caldinhas

As próximas eleições autárquicas, realizam-se já no dia 12 de outubro. Estará em disputa a eleição para a câmara municipal, assembleia municipal, junta de freguesia e assembleia de freguesia de cada círculo eleitoral. Estudantes que estejam inscritos em estabelecimentos de ensino fora do distrito, região autónoma ou ilha onde normalmente votam, podem usufruir do voto antecipado para não ter de efetuar grandes deslocações. Terão de, até ao **dia 22 de setembro**, enviar por e-mail ou via postal um requerimento ao presidente da câmara do município onde está recenseado. O modelo do requerimento e informações sobre documentação adicional que devem enviar encontra-se no site da CNE, na página referente às autárquicas.

Porquê? - uma reflexão, por Inês Pinto

Disse à minha mãe que tinha inveja de ti
Ela perguntou se os sentimentos não os confundi
Porque é que tudo é amor
Porque é que tudo é a dois

Porque é que devo seguir
Tudo o que querem de mim
Porque é que tenho de ter estudos
Porque é que não posso ter medos
Porque é que há tantos enredos

Porque é que tenho de esperar
Por uma senha que 'tá parada
Porque é que tenho de esperar
Para atravessar a estrada

Porque é que tenho de esperar
Para ter um cartão
Porque é que preciso de um passe
Ou de ser um cidadão

Porque é que tenho de fugir do álcool e da droga
Porque é que quem só se diverte só se afoga
Porque é que para dançar tenho de entreter
Porque é que não posso amar a minha forma de mexer

Porque é que tudo é informação
Porque é que se não sorrir dizem me logo que não
Porque é que é tudo cordial
Porque é que o diferente é abismal
Porque é que tenho tanto sono

Porque é que há tanto abandono
Porque é que nos odiamos
Porque é que criamos problemas
Porque é que tentamos alcançar as estrelas
com tantos outros dilemas
Porque é que somos animais
Com quem é igual a nós
Porque é que criamos mentiras para dizimar a outra voz
Porque é que a fome do poder supera a fome do comer
Porque é que escolhemos quem pode e quem não com base em aparências
Porque é que no fundo do contrato há sempre reticências

Como é que posso ajudar
Porque é que não sei responder
Porque é que parece tão distante
O que está a acontecer

Onde foi essa criança
Dentro de todos nós
Como será que foram os primeiros anos dos meus avós

Porque é que tudo tem de virar pessoal
Porque é que somos programados de forma a ser individual

Birds, por Beatriz Direitinho

It's five in the morning and I'm standing here to breathe
The new refreshing breeze life has brought to me,
Remembering myself again to enjoy this new tide
Because we never know what's waiting for us outside.

I feel the smell of rain and wet dirt
Preparing for the first day of Autumn really soon.
I can't sleep anymore,
I just want to see the world outside my home.

I step out of my window
And walk towards my front porch.
I sit in my white chair and observe
What life thinks I deserve.

Now, paying attention to the details...
I can see the leaves falling down the trees,
Guiding themselves to the floor
Full of unwanted seeds.

The rain starts to fall
And the grass is getting wet.
Everything seemed so cold
But it was just a silhouette.

Silhouette of a hidden world
Right under our noses.
We don't pay enough attention to what's important
Because we're all busy seeing what's constant.

Autumn has come,
Has come to stay.
For only 3 months
And one step away.

Everything comes,
Everything stays.
If you don't seize the moment,
Then you're not life's chosen

Because if life chooses you,
You'll know,
When the time has come
You'll just let it go

Without looking behind,
Without regrets,
You'll know that you lived a good life
Without making bets.

The rain is stopping
So are my words,
I hope you can be free to see the world
As these two beautiful flying birds.

**Envia o teu poema!
Teremos espaço.**

Reescreve-me-te, Glinda to Elphie

Faz de mim uma página do teu diário.
Completa a minha pele com os
pensamentos do teu dia.
Não deixes nada por dizer...
Não!

Não apagues, nem reescrevas.
Risca e escreve por cima.
Não tenhas medo de sobrepôr.
Continua, ainda falta muito.

Ainda consigo ver muito de mim.
Quero que saibas que estou aqui.
Vais dormir?
Vou dormir.
Amanhã continua.
Faz de mim a próxima página do teu diário.

Desassociar, por Afonso Martins

Anseio desassociar.

Simplesmente deixar de pensar.

Ficar a ver o mar.

Sem sequer ousar navegar.

Não existir neste mundo.

Este poço sem fundo.

Onde tudo liga a tudo.

Onde já nada é verdadeiramente mudo.

O crime (im)perfeito, por *Vitória Inácio*

É liberdade aos olhos de uns,
Uma derrota aos olhos de outros,
Para mim,
O maior crime que o mundo já viu,
Vai contra a natureza humana e animalésca,
Mas porque existe...?
É algo que nos destrói por inteiro,
Num só golpe, ou em vários,
Mas porque existe...?
É a degradação máxíma do Homem,
A decadência da utopia,
Uma coragem invulgar,
Mas porque existe...?
Nas almas fortes, está entre o ódio
E a vingança impossível e irreal,
Uma cláusula ao próprio testador,
E até uma passagem para o esquecimento,
Mas porquê...?
Porque existe!?
Porque aumenta a cada dia?
Porque se assenta na escuridão? E na solidão?
Será delírio? Ou a realidade de um escravo dos seus pensamentos?
Não sei...
Ninguém sabe,
Nem os espíritos sem alma
Que por aí vagueiam,
Mas talvez...
Só talvez...
A resposta se encontre,
Quando puxar o gatilho
Criando assim o crime (im)perfeito

NuMAC

Núcleo de Música,
Arte e Cultura

Só por ser a faculdade de ciências e tecnologia não significa que não possa existir lugar para a arte e a cultura. A vontade de criar, expressar e desvendar é inerente a cada pessoa. Queremos dar a oportunidade de se poderem expressar pela música, pela fotografia, escrita, cinema, etc e etc... Este ano temos planeado concertos na faculdade que intitlamos de "jamOUTs". Já temos 2 planeados e mais a caminho. Para o final de setembro traremos uma banda que já tocou cá e cujos membros bem conhecem a FCT, e para final de outubro traremos uma banda que acreditamos ir explodir as mentes da comunidade FCTense. E claro, pretendemos conseguir realizar estes concertos todos os meses, acredito que seja sempre melhor estudar com música de fundo. Arte existe para o criador se expressar e o espectador sentir e é algo que por natureza é para ser partilhado, portanto pretendemos continuar a realizar colaborações com outros núcleos e celebrá-los. O núcleo quase veio a fechar, há dois anos nem 5 membros ativos tínhamos; no entanto, prevaleceu porque quem estava nunca desistiu de acreditar no que o núcleo poderia ser, e desde então crescemos como nunca antes. Não importa a idade ou a situação ou a época, existirá sempre arte e alguém disposto a criá-la, desde pinturas pré-históricas em cavernas com mais de 3 mil anos ao graffiti a ser constantemente apagado e refeito pelas cidades urbanas. Obras feitas por revolta, euforia, melancolia, saudade, ironia ou puro caos aleatório. Arte é como a relva na calçada, não importa o tanto de cimento colocado em cima, haverá sempre um bocado de verde no chão que, deixando florir, eventualmente a pintará toda dessa cor.

NJ

Núcleo de Jogos

Porque a faculdade nunca foi só estudar, estudar e estudar, o núcleo de jogos nasceu, há mais de 40 anos, sendo hoje o núcleo ativo há mais tempo na faculdade.

Começámos apenas como um grupo de amigos apaixonados por jogos de tabuleiro, e ao longo de todos estes anos e gerações de NJ, criámos uma comunidade que agora nos define.

Hoje em dia, continuamos a tentar crescer e partilhar toda a grande variedade de jogos e possibilidades que temos à vossa

disposição.

Alguns dos nossos eventos mais recorrentes são a liga de Magic the Gathering, sessões de iniciação a D&D e outros ttrpgs e tardes de jogos variados.

Connosco podes conhecer novas pessoas, explorar novos hobbies e viver momentos inesquecíveis.

Se sentes que tens um pequeno nerd interior que fala contigo à noite, junta-te à nossa comunidade, e vem conhecer-nos!

LISBOA.província.

Por Zé Costa

A ortografia foi ocasionalmente preterida.

Uma lisboa cada vez mais igual às restantes capitais europeias, pelo menos é o que dizem; é o que oiço. Daqui e dali comentários depreciativos: a identidade, o orgulho, a submissão, gentrificação, turismo. O resignado «precisamos do crescimento», ou o otimista «gosto que os outros queiram visitar a minha cidade».

Uma imagem que não consigo apagar da mente: português redobrado sobre si mesmo, imaginem o mapa, uma antropomorfização do território português mapeado: bragança será a cabeça e aos pés teremos os algarves; o estuário do tejo serve perfeitamente como cavidade anal, o que julgo ser absolutamente extraordinário. Assoma a questão: quem nos enraba? Pergunto-me se serão justos, estes termos. Experimento reformular: em quem se poderia encontrar o desejo de nos sodomizar? E dou uns passos, caminho.

Ah!, a sodomização... Como será que se escreve «so-do-mi-za-ção»; e pesquiso; estava correto; e descubro mais: a etimologia remete para a cidade bíblica de Sodoma, situada na antiga palestina. Obrigado, *infopédia*, pela prestabilidade. Palavras é cá comigo.

Os neurónios circulam. Na minha mente tipo no ic20, mas devagarinho. Palestina. Antiga palestina. Uma voz reverberante e abrupta de há muito tempo atrás CAMARADAS, PALESTINA VENCERÁ! PALESTINA VENCERÁ! duas vezes e depois todos juntos PALESTINA VENCERÁ! PALESTINA VENCERÁ! PALESTINA VENCERÁ! PALESTINA VENCERÁ! PALEstina vencerá. palestina vencerá. palestina vencerá. paeldajs vcasigi... Diz-se assim muitas vezes e depois esmorece-se. E que nunca nos esqueçamos de que tudo esmorece. Mas não nos demorem na

palestina, há outros asssssstuntos que urgem!

Mas atenta rapaz, até neste processo de transformação há espaço para que nos expressemos partindo da nossa condição particular, a questão não deve ser se estamos a ficar iguais às outras capitais europeias, mas de que forma estamos a ficar iguais às outras capitais europeias: e aí garanto-te que o temos conseguido fazer de uma forma bem portuguesa!: um louco que conheci no largo de camões. Bispo para f4 - zás! -, xeque-mate. «E o louco sou eu?» interroga, rejubilante. A pergunta recalca-se no meu crânio.

Mas não, isto não terá acontecido. Um doido no largo de camões? Eu teria medo, não me aproximaria. A jogar xadrez. Um doido no largo de camões a jogar xadrez. Isso não conviria a ninguém. Estou certo - não aconteceu.

A pergunta recalcada no meu crânio. Esta (a pergunta) existe. E, se existe, alguma coisa, algures, aconteceu. Esboroa-me o tecido ósseo. Ruca-ruca (pretensa onomatopeia para o esboroamento ósseo). Então vou caminhando, dando uns passos. Sou capaz de chegar ao terreiro do paço, praça do comércio. Pesquiso sobre a praça do comércio: convém-me ver absolutamente confirmada a minha ideia de que a origem do topónimo se prende com a função que a praça servia - o comércio; tenho em vista um gracejo sobre a função que a praça serve hoje. «praça do comercio» no motor de busca, ou, utilizando outra terminologia - tudo dicionarizado -, googlei «praça do comercio»: imagens e preços, preços, preços, preços. Existirão países onde uma vida de trabalho (existirão países onde «vida de trabalho» e «vida» serão indissociavelmente a mesma coisa - tipo não existirem mesmo duas expressões, tudo numa mesma e única - ?) não perfará estes valores? Vou pesquisar: mas não! É melhor não... Escapo-me de boa, ufa! Ainda me distraía com asssssstuntos

que não urgem e depois nunca mais acabava o textinho para a revistinha em que tenho trabalhado com os meus amiguinhos. Onde ia? Certo: «praça do comercio» no motor de busca; descendo um pouco temos a página da *wikipedia*, que não me satisfez; segue-se uma página da *visit portugal*, ainda menos; onde encontrei algum ânimo foi na página da *wikipedia*, mas em inglês. Epa mas entretanto já estou farto disto, talvez mais do que vocês.

O rio tejo. A água. A luz. Magnífico e sereno. Quando for grande quero ser como o rio tejo, diria um garoto ao pai; era logo estalada nas ventas pela estupidez, qual rio qual carapuça, quando fôr grande há-de ser aqui como o pai. Não interviria, haveria asssssstuntos que urgiriam. É um belo rio, o tejo; e dizem-me que daqui, do terreiro do paço, partiam as naus e as caravelas. Posso ficar horas a meditar o tejo. Matéria e símbolo. Sentado, esforço-me por compreender, que-ro-com-pre-en-der: o que leva alguém a erguer uma empresa daquelas. Então capitalizo toda a energia. Preparo o coração para o embate, recolho as velas por prudência, estou pronto para perceber esforço esforço esforço ai ai ai ai ai ai ai, mas nada. Não consigo. A empresa ultramarina não é nada. Penso. Quem mandava os barcos: curiosos, cientistas, governadores, poder, deus? Quem seguia nos barcos? Imagino-os: aquelas pessoas cuja vida num lugar invisível é melhor do que a merda onde nasceram enterrados; pobres; aqueles para quem a morte assusta menos do que outro dia de fome; o que é morrer, sequer? Acredito vivamente em como existirá um livro de história que corroborará a minha intuição. História: um artifício.

«Acredito vivamente»... Soa familiar, «acredito vivamente»...

Afinal é uma coisa diferente, mas parecida. Convocou-se-me. É o seguinte: «imaginamos vivamente uma revista universitária pulsante,

próxima e presente». Uma aliteração em «p» enfatizando a determinação deste jovem grupo. Mas o que servirá isso tudo? (Porra, meu!, perguntas e perguntas...) Digo apenas: cuidado com as empresas ultramarinas.

A verdade é que eu não sei como são as capitais europeias: ver as fotos no *google* estragaria a surpresa, e para visitar não houve ainda oportunidade. Outros asssssstamentos urgem. Uma expressão possível para isto: rapaz da província crónico.

*

Tudo desagua no mirífico (obrigado, francisco) cais do sodré. Pessoas em toda parte, para toda a parte, de toda a parte. Fatal é isto: no cais do sodré parte-se. Sejamos locais, turistas, sem-abrigo, imigrantes, jovens prestes prestes a consumir a sua emigração; ou tudo junto – chamemos ao tecido sócio-económico lisboeta de *humanos*: partimos. Magnífico e efervescente. Eis o cais.

Partir: do latim *partīre*, «dividir; partir; repartir». Sinónimos: ausentar-se, começar, danificar, derivar, desagregar, despedaçar, distribuir, dividir, emanar, escacar, falecer, fragmentar, fraturar, morrer, nascer, partilhar, proceder, provir, quebrar, rachar, repartir, sair, separar. O cais do sodré é tudo.

Não preparei o coração para o embate. As velas abertas. O vento por trás, como quem sodomiza. Meditar o cais comove. As coisas que comovem simplesmente comovem, é fútil esforçarmo-nos. Compreender pode ser uma ação naturalmente mais passiva do que se possa pensar.

E é então que ele se mostra atrevido, jocoso. Estou sentado, olhos prostrados no chão procurando na calçada a solução matemática para os meus problemas, estou atrasadíssimo, absorvidíssimo em mim. Erguendo a cabeça lentamente, talvez aprontando uma reza a deus nosso

senhor, os meus olhos cruzam-se com um enorme coelho: enormes coelhos, no plural, afinal; uns atrás dos outros. «Es_tou a_tra_sa_do» não me recordo da pontuação que encerra a frase; serão reticências, uma exclamação? Sim, estou atrasado de facto. A ironia cortante sob a figura aparentemente pueril do coelhinho da alice-no-país-das-maravilhas. Sou categoricamente troçado por um enorme painel de azulejos. E subitamente estou ligeiramente menos atrasado. O mundo reunifica-se.

Que fazer então, quando o tempo é libertado e o possuimos escaldante em nossas mãos? Não sei. Sinto que enlouqueço a cada instante. Ruca-ruca, ruca-ruca. Onde acabará isto? Sei apenas que fatais serão estas coisas: que partirei, e que outros asssssstamentos urgem.

Agradeço a atenção, mas não sei como concluir isto. Largo aqui.

Zé Costa

TunaMaria

Para este semestre conta com:

- Lançamento do *single Da Capo* - o instrumental atual da TunaMaria.
- III Rally Tascas da TunaMaria.
- Atuação na Semana do Caloiro.

Ensaios todas as terças e quintas: 21h, Ed. IV, sala 204.



Por
Água
Abaixo

Por Cristiano Barata

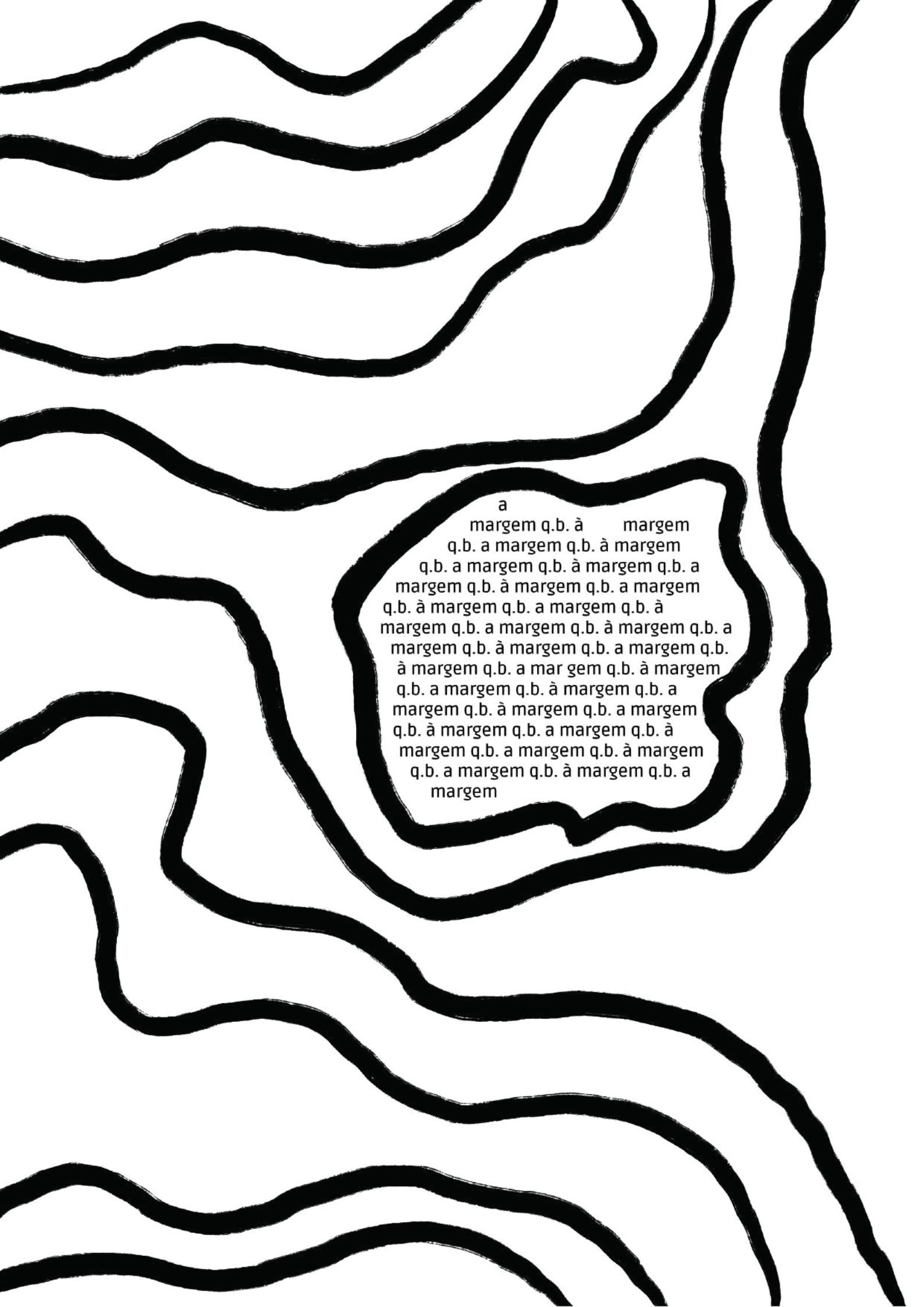
Em tempos, quando pegámos numa pedra e a transformámos num martelo, foi a loucura, éramos os mais hábeis a mexer em calhaus, estávamos no ápice da tecnologia. Uns anos depois cometeram a loucura de escrever livros e todas as asneiras que faziam começaram a ser registadas em longas páginas

que mais tarde foram pulverizadas pelo fogo da Inquisição. Com os enormes computadores que enchiam mais salas que o Tony Carreira, ninguém conseguia prever o que viria a seguir. Colunas, *smartphones*, *smartwatches*, *smart locks*, *smart bulbs*, *smart plugs*, *butt plugs*, *smart rings*, *smart TV's*, tantos dispositivos *smart* que a palavra “*smart*” deixa de parecer um vocábulo real.

Depois desta pequena contextualização histórica, e revelando o meu entusiasmo pelas novas tecnologias, sem nunca decorar a Inteligência Artificial, sempre pensei que o próximo passo da evolução estaria na realidade aumentada ou virtual. Mas qual é o meu espanto quando estou num site de tecnologias, e todas as últimas novidades estão relacionadas com a vossa incapacidade de não chorar para cima do telemóvel. Colunas resistentes à água, *smartphones* resistentes à água, *smartwatches* resistentes à água, *smart locks* resistentes à água, *smart bulbs* resistentes à água, *smart plugs* resistentes à água, *butt plugs*... vocês entenderam. Têm manteiga nas mãos e não conseguem segurar os vossos pertences? Eu sei, que agora estamos numa fase onde lutamos pela sustentabilidade, mas quando vos dizem para darmos o nosso melhor às causas ambientais, não significa deitar o vosso melhor computador ou telemóvel para a água.

Tu, que vais à casa de banho e deixas o telemóvel cair na sanita; tu, que vais tirar fotos à praia e deixas as ondas banharem a tua *Instax*; tu, que decides ir estudar para a banheira e és um privilegiado com o apelido Bettencourt, e insistes em levar o computador, que acaba a fazer companhia aos teus sais de banho com cheiro a *Stradivarius*; és a principal causa de não termos uma sociedade muito mais evoluída, porque o pote de arroz não é suficiente para ti.

Cristiano Barata



a
margem q.b. à margem
q.b. a margem q.b. à margem
q.b. a margem q.b. à margem q.b. a
margem q.b. à margem q.b. a margem
q.b. à margem q.b. a margem q.b. à
margem q.b. a margem q.b. à margem q.b. a
margem q.b. à margem q.b. a margem q.b.
à margem q.b. a margem q.b. à margem
q.b. a margem q.b. à margem q.b. a
margem q.b. à margem q.b. a margem
q.b. à margem q.b. a margem q.b. à
margem q.b. a margem q.b. à margem
q.b. a margem q.b. à margem q.b. a
margem